

# SERRA-PILAR

[www.serradopilar.com](http://www.serradopilar.com) | 1 Advento, 01.12.2019 | ano 45º | nº 2143



*Filhos da guerra.* Por Vasco Gargalo, cartunista português.

# advento

# Devemos esperar o quê e como?

**O**S TEXTOS BÍBLICOS DOS QUATRO DOMINGOS DO ADVENTO **não constituem**, propriamente, **uma preparação para o Natal**, mas sim **uma introdução a todo o novo ano litúrgico**. Por isso abarcam etapas muito diversas: **1)** o que se esperou do Messias, antes da sua vinda; **2)** o seu nascimento; **3)** a sua vida pública e as reações que suscitou; **4)** a sua vinda no fim dos tempos. Estas quatro etapas vão-se misturando, em cada um dos domingos, acabando por ser difícil relacionar as diferentes leituras. Se procurarmos um elemento comum, ele será **o tema da esperança: que devemos nós esperar? Como devemos esperar?**

## **1. Que devemos nós esperar? A utopia da paz universal.**

A primeira leitura (Isaías 2, 1-5) vem dar resposta a uma das experiências mais universais: a guerra. Desde os seus primórdios como estado que Israel teve de lutar contra pequenos povos, enfrentar guerras civis e grandes impérios. Mas não eram só os israelitas a ser vítimas destas guerras. Também o eram todos os países do Próximo Oriente, tal como hoje em dia o são tantos países do mundo.

Poderíamos encarar este facto com ceticismo: o ser humano não tem remédio. A ambição, o ódio, a violência acabam sempre por se impor, e por criar intermináveis

conflitos e guerras. Contudo, a leitura de Isaías propõe-nos uma perspetiva muito diferente. Todos os povos, assírios, egípcios, babilónios, se encaminham para Jerusalém, buscando no Deus de Israel um juiz justo que dirima os seus conflitos e instaure a paz definitiva.

O texto de Isaías relaciona, logicamente, o desaparecimento da guerra com o desaparecimento das armas. Neste contexto é frequente falar, hoje em dia, das armas atómicas, dos submarinos nucleares, dos drones de última geração. Queria recordar aqui uns dados muito diferentes, umas armas muito mais simples.

Calcula-se que exista no mundo

um arsenal de seiscentos e trinta e nove milhões de armas de fogo, metade das quais na mão de civis, e as restantes à disposição dos corpos policiais e de segurança, o que implica uma arma para cada dez pessoas.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial (1945), morreram, nos diferentes conflitos armados que se sucederam no planeta, uns trinta milhões de pessoas, vinte e seis milhões delas em consequência do impacto de armas ligeiras. Estas armas, e não os grandes navios ou os sofisticados aviões de combate, são responsáveis materiais por quatro dentre cinco destas vítimas, que, por sua vez, são constituídas por 90% de civis (mulheres e crianças em particular).

Esta primeira leitura bíblica incita-nos a esperar e a procurar que, um dia, se torne realidade o anunciado pelo profeta: das espadas forjarão arados e das lanças foices. Uma nação não levantará a sua espada contra a outra, e não mais se adestrarão para a guerra.

## **2. Como devemos esperar? Vigilância perante a vinda de Jesus (Mateus 24, 37-44)**

A liturgia dá um salto tremendo, passando das antigas esperanças formuladas por Isaías, para a

segunda vinda de Jesus, a definitiva. E no contexto do Advento, esta leitura pretende centrar a nossa atenção em algo muito diferente do habitual. Costumamos dedicar os dias que antecedem o 24 de dezembro, a pensar na primeira vinda de Cristo, simbolizada nos presépios. O perigo é deixarmo-nos ficar por uma recordação romântica. A Igreja quer que olhemos para o futuro, inclusive para um futuro muito longínquo: para o tempo da vinda definitiva de Jesus, e para a atitude de vigilância que devemos manter.

A atitude de vigilância fica bem expressa em duas comparações: uma baseada no Antigo Testamento, outra na experiência da vida do dia a dia.

A primeira faz referência ao que ocorreu no tempo do dilúvio. Antes, as pessoas levavam uma vida normal, despreocupada. A catástrofe parecia-lhes uma coisa unimaginável. O mesmo sucederá quando vier o Filho do Homem. Estai, portanto, vigilantes, pois não sabeis em que dia virá o vosso Senhor.

A segunda comparação é retirada da vida diária: trata-se do dono de uma casa que pretende defender a sua propriedade contra os ladrões.

A mensagem é a mesma:  
mantende-vos alerta.

A propósito destas comparações  
podemos referir duas coisas:

1) Ambas elas insistem no facto da  
vinda do Filho do Homem ser de  
improviso e imprevisível; não  
haverá nenhum desses sinais  
prévios, tanto do agrado dos  
escritos apocalípticos  
(obscurcimento do sol e da lua,  
terremotos, guerras, catástrofes  
naturais).

2) Ambas as comparações exortam  
à vigilância, a que estejamos  
preparados, mas não nos dizem em  
que consiste essa vigilância e  
preparação; limitam-se a criar  
interesse pelo tema. Esta falta de  
concretização pode decepcionar um  
pouco. Mas passa-se o mesmo  
quando nos dizem no início, de  
uma viagem de automóvel: “tem  
cuidado”. Seria absurdo dizer ao  
condutor: “Tem cuidado com os  
carros que vêm atrás de ti”, ou  
“tem cuidado com as motas”. O  
cristão, tal como o condutor, deve  
ter cuidado com tudo.

### **3. Como devemos esperar? Revestirmo-nos de Jesus (Romanos 13, 11-14)**

Paulo parte da experiência típica  
das primeiras comunidades: a  
vinda de Jesus está iminente, “a  
nossa salvação está mais próxima”,  
“o dia pende sobre nós”. O cristão,  
como filho da luz, deve renunciar a  
comezainas, a bebedeiras, à  
luxúria, à libertinagem, às  
discórdias e invejas. O cristão deve  
caraterizar-se por um  
comportamento moral de níveis  
muito diferentes (comida,  
sexualidade, relações com outras  
pessoas), preparando-se, deste  
modo, para a vinda definitiva de  
Jesus. Este pequeno catálogo  
poderia ser assinado por qualquer  
filósofo estoico. Paulo, porém,  
acrescenta-lhe algo peculiar:  
“Revesti-vos do Senhor Jesus  
Cristo”. Ora isto não é estoico, mas  
sim tipicamente cristão: Jesus  
como modelo a imitar, de modo  
que, quando as pessoas olharem  
para nós se sintam como se  
estivessem a olhar para Ele. Creio  
que Paulo não se importaria que as  
suas palavras fossem traduzidas do  
seguinte modo: “Revesti-vos do  
Senhor Jesus Cristo”. Comportai-  
vos de tal modo que as pessoas vos  
confundam com Ele. **BOM  
PROGRAMA PARA  
COMEÇO DO ADVENTO.**

JOSÉ LUIS SICRE DIAZ. (Cádiz-Espanha, 1940).  
Jesuita, doutor em Sagrada Escritura

# no Iémen decorre uma chacina que gera lucros de milhões

A guerra esconde uma combinação mortífera de interesses: ambições geoestratégicas, domínio de recursos naturais, negócios de armas, desenvolvimento de rotas comerciais e até projectos de engenharia.

O mundo assiste impávido, e comedidamente informado, a uma «guerra humanitária» lançada em 2015 para «proteger civis» e que, três anos depois, degenerou na «maior catástrofe humanitária» do planeta, segundo a ONU; uma tragédia que proporciona, no outro prato da balança, milhares de milhões de dólares e euros de lucros aos impérios mundiais do armamento, principalmente norte-americanos e franceses. É no Iémen, onde nosso «mundo civilizado» se revê nas atrocidades cometidas pelos exércitos das «democracias» da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos, operacionalmente apoiados pelos Estados Unidos e Israel.

É um balanço cheio de dúvidas o que chega dos confins das arábias, virados ao Corno de África, ali onde os continentes asiático e africano quase se tocam. Vinte mil mortos? Setenta mil, segundo os apuramentos feitos pelas organizações não-governamentais que actuam no terreno? Talvez nunca se chegue exactamente a saber a quantos seres humanos foi tirada a vida, roubados os bens, destruídos os haveres e as casas nesta guerra lançada para «proteger civis». E que o faz através de bombardeamentos de zonas residenciais, mercados, casamentos, funerais, autocarros escolares, hospitais e outros alvos igualmente ameaçadores.

Numa terra de história, cultura e lendas, onde foram erigidos os primeiros arranha-céus da história da humanidade – como a capital, Sanaa, testemunhava até há pouco – detectou agora a ONU «a pior crise humanitária do mundo». Onde a fome é companheira de vida de nove milhões de pessoas – quase tantas como os habitantes que tem Portugal – cinco milhões das quais são crianças.

Quem se mantém informado frequentando apenas o mainstream saberá explicar esta guerra de cor e salteado: as tribos huthis chiitas, apoiadas pelo Irão, tentaram alcançar o poder em 2015 derrubando o presidente Abdrabbo Mansur Hudi, com apoio de grupos sunitas urbanos e traidores. Hudi foi forçado a exilar-se na Arábia Saudita, de onde continua a tentar reinar através dos exércitos saudita e dos Emirados Árabes Unidos, que invadiram o Iémen para abafar a «revolta iraniana». Simples, não é? Afinal, o conflito não é mais do que uma manifestação dos esforços sauditas para combater o «expansionismo iraniano», sabendo o Ocidente muito bem de que lado deve estar.

## **O que a guerra procura esconder**

A guerra esconde, porém, uma combinação mortífera de interesses, que vão desde

ambições geoestratégicas, luta pelo domínio de recursos naturais, grandes negócios de armas, desenvolvimento de rotas comerciais e até grandes projectos de engenharia.

Tudo isso cabe na velha ambição saudita de controlar, de facto, toda a região, o que significa tomar a seu cargo os exercícios de soberania de países como o Omã e o Iémen. Quem diz ambição saudita deve relacioná-la imediatamente com outros grandes interesses mundiais, como os dos Estados Unidos e de potências da União Europeia, ou regionais, como o de Israel.

O petróleo é uma razão óbvia desta guerra. Não é por acaso que um dos bastiões onde os sectores apoiados pelas tropas sauditas estão entrincheirados é o porto de Adem, a capital da região meridional do Iémen, a mais rica do país em petróleo.

Além disso, a existência independente do Iémen, tal como de Omã, são obstáculos ao domínio absoluto de Riade sobre o grande deserto do Rub-al-Khali, que terá um vasto manancial inexplorado de reservas petrolíferas.

Foreign presence in the Horn of Africa



Por outro lado, há muito que a Arábia Saudita e Israel têm um grande projecto em comum, que é a construção de uma extensa ponte entre Adem e Djibuti, ligando a Ásia a África e abrindo mais uma opção comercial entre vastas zonas petrolíferas, incluindo as do Corno de África. Não é por acaso que Israel tutela o chamado

«Estado da Somalilândia1» nesta região, uma entidade apenas reconhecida por Telavive mas que funciona, de facto, como uma base militar sionista em território africano.

Além de planeada, a ponte já tem um grupo escolhido para a sua construção, por sinal o da família saudita bin Laden.

### Negócio de milhares de milhões

O episódio do bombardamento de um autocarro escolar no mês de Agosto [2018], em que mais de 40 crianças perderam a vida por acção de um míssil norte-americano fabricado pela Lockheed Martin, elevou temporariamente a guerra do Iémen aos lugares de destaque da comunicação social norte-americana de grande consumo – e daí para a do resto do mundo, como seu subproduto.

A opinião pública percebeu que, afinal, os Estados Unidos estão envolvidos directamente no conflito, por detrás dos massacres de alvos civis cometidos pelas tropas invasoras sauditas e dos Emirados Árabes Unidos.

Não é segredo que, já na Administração de Barack Obama, o Pentágono efectuara operações no Iémen, alegadamente contra a presença de grupos da al-

Qaida que eram, aliás, meramente residuais.

Ao contrário do que acontece hoje; importantes contingentes de mercenários agrupados em organizações que reivindicam filiações na al-Qaida e no Estado Islâmico actuam, de facto, ao lado das tropas sauditas invasoras.

O conhecimento destas situações começou a provocar alguma inquietação no interior do próprio Departamento de Estado norte-americano, designadamente nos departamentos do Médio Oriente e dos Assuntos Políticos – e da qual fez eco, por exemplo, o *Wall Street Journal*.

Foi então que o secretário de Estado de Trump, Michael Pompeo, ex-director da CIA, resolveu agir, ainda segundo relato do mesmo jornal, prometendo que a situação vai alterar-se para melhor.

Com isso não quer dizer que a guerra tenha os dias contados, nem que os Estados Unidos deixarão de continuar envolvidos operacionalmente indicando alvos, partilhando informações de espionagem com os agressores, reabastecendo esquadrilhas ou mantendo o envio de mísseis teleguiados. O que o secretário de Estado promete é que as tropas da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos «irão trabalhar para reduzir os danos civis».

No Departamento de Estado sabe-se, porém, que nada no comportamento das tropas invasoras do Iémen garante uma mudança de atitude em relação aos alvos civis – pelo menos é a única conclusão possível das investigações realizadas no terreno.

Apesar disso, Pompeo passou por cima das «inquietações» manifestadas por quadros do seu departamento e deu luz verde à concretização de outro grande negócio gerado por esta guerra: a venda de mais 120 mil mísseis teleguiados de fabrico Raytheon, no valor de dois mil milhões de dólares.

Para tal, o secretário de Estado baseou-se no parecer do Gabinete de Assuntos Legislativos, o único do seu Departamento de Estado a pronunciar-se nesse sentido. Alega este que «a falta de certificação poderia ter um impacto negativo nas transferências de armas pendentes» ou mesmo sobre «futuras vendas a governos e instituições militares estrangeiras». Daí que a mesma fonte tenha tornado a posição desde logo mais abrangente, reforçando-a com outro parecer especificando que também «a acção militar na Síria é

consistente com o direito inerente à autodefesa individual e colectiva».

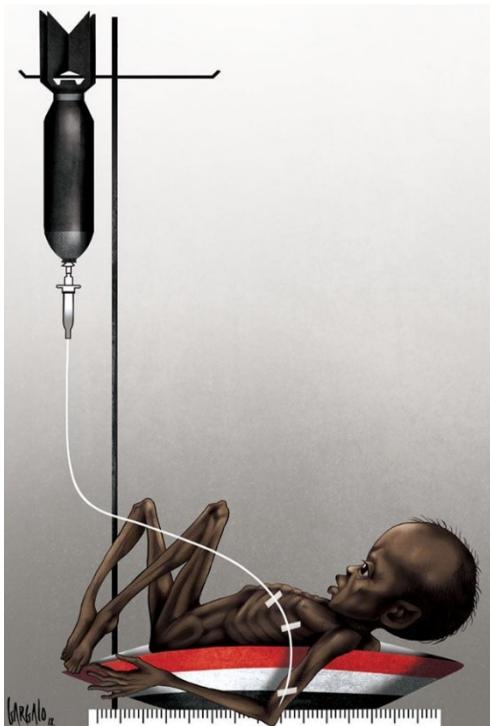
Os pareceres foram assinados pelo chefe do Gabinete de Assuntos Legislativos, Charles Faulkner, que foi nomeado para o cargo há pouco mais de um ano. Transitou do sector privado, onde chefiava um departamento estratégico do BGR Group.

Esta empresa funciona como uma agência de lobby, isto é, que faz pressão para defender os interesses dos clientes junto de instituições governamentais norte-americanas. Por sinal, a entidade que até há pouco empregou o actual chefe do Gabinete de Assuntos Legislativos do Departamento de Estado representa os interesses de entidades como a Airbus, a Huntington Ingalls, mas também a empresa de armamento Raytheon e governos como o da Arábia Saudita.

Quando se fala, portanto, em «guerras humanitárias» e em defesa dos direitos humanos deverá ter-se em consideração que se trata de acções susceptíveis de serem transformadas em investimentos lucrativos e adequados à dinamização do tecido económico global.

Por isso, o envolvimento norte-americano na destruição do Iémen não é um caso isolado. Nos

últimos dias, a França tem sido sacudida pelo escândalo da venda de quase 400 tanques Leclerc2 aos exércitos da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos, transações que envolveram «luvas» superiores a dois milhões de euros depositadas em «paraísos fiscais».



*Iémen.* Por Vasco Gargalo, cartunista português.

«Contrato do século», chamou-lhe a comunicação social francesa na altura da consumação do negócio, em Abril de 1993. A empresa pública GIAT, hoje Nexter, vendeu então 388 tanques, 46 veículos armados e munições no valor global de 3200 milhões de dólares numa transacção que juntou em Paris cabeças coroadas das duas casas reais e agora leva a

morte a casa dos iemenitas. Um negócio que prossegue, porque hoje continuam a ser frequentes as notícias de contratos de venda de armamento francês a Riade e Abu Dhabi.

Haverá quem se preocupe com a vida das populações do Iémen e de tantos outros países flagelados por guerras, mas não serão, por certo, os que dizem proteger os direitos humanos nessas regiões e, com esse alegado objectivo, montam acções qualificadas com o mais cruel eufemismo da cultura neoliberal global: «guerras humanitárias».

1. Nota da redacção: as notícias sobre o Corno de África e a chamada «Somalilândia» são raras ou inexistentes nos *mainstream media* nacionais. Para aprofundar o tema o leitor poderá ter interesse em consultar «The Politics Of Ports In The Horn: War, Peace And Red Sea Rivalries» e «Somaliland And The Scramble For Suez: How Old Imperial Powers Are Being Sidelined In Gulf's "Cold War"».

2. Um sítio dedicado ao armamento militar francês afirma que o Iémen se transformou no «terrain d'essai pour les chars de combat français».

**JOSÉ GOULÃO.** Jornalista português.

<https://www.abrilabril.pt/internacional/no-iemen-decorre-uma-chacina-que-gera-lucros-de-milhoes> (04.10.2018)

cartoons de Vasco Gargalo:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10154566768084584&set=a.10151620577539584&type=3&theater>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10157253081104584&set=a.64744459583&type=3&theater>